

ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA E SUAS EXPECTATIVAS COM RELAÇÃO AS PRÁTICAS AVALIATIVAS DE SEUS PROFESSORES

Leandro Jorge Duclos

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Edith Maria Marques Magalhães

Universidade Iguazu

RESUMO: O presente estudo teve como objetivo listar e analisar as práticas avaliativas desenvolvidas por professores do curso de Pedagogia, verificando junto aos alunos as diferentes práticas utilizadas e de como estes alunos reagem face aos processos de avaliação. A pesquisa aponta a necessidade de um diagnóstico e de uma avaliação sobre a compreensão destes alunos acerca dos processos de avaliação e interroga suas expectativas ao final do curso. Tendo em vista os resultados encontrados e a complexidade das práticas avaliativas que envolvem o processo educativo, a pesquisa indicará caminhos, visando ao desenvolvimento do discente.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia. Discentes. Práticas avaliativas.

Introdução

A avaliação da aprendizagem continua sendo um assunto polêmico nas Instituições de Ensino Superior e em outras instituições que vivenciam a educação de modo geral. Um dos principais motivos dessa polêmica é a persistência histórica das formas de avaliação que, com raras exceções, permanecem muito semelhantes às praticadas ao longo do tempo.

Defendendo o modelo inovador da escola, a avaliação, atualmente, manifesta-se como uma prática social democrática em que os aspectos qualitativos devem prevalecer sobre os quantitativos, quando há participação de todos os sujeitos que se vêem afetados pela avaliação – professor e aluno, na tomada de decisões que são referentes ao processo. Assim se lê na Lei Diretrizes de Bases da Educação Nacional¹ (LDB) em seu artigo 24, inciso V, alínea “a” ao ressaltar sobre os critérios de verificação do rendimento escolar: “avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os

¹ BRASIL. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais”. Sendo assim, os resultados obtidos pelos alunos ao longo do ano escolar devem ser mais valorizados do que a nota da prova final.

Nesse sentido, recorremos a Silva (2003, p. 42) para esclarecer o caminho da mudança do processo avaliativo, quando afirma: “avaliar não é apenas constatar, mas, sobretudo, analisar, interpretar, tomar decisões e reorganizar o ensino”.

Iniciamos a nossa reflexão tendo como referência desafios encontrados em relação algumas constatações na prática docente: os educandos não estão aprendendo e os educadores não estão mudando. Considerando que é condição humana sempre aprender, e ao afirmarmos que os alunos não estão aprendendo, queremos dizer que não estão se apropriando daqueles elementos indispensáveis da cultura, ou que não estão aprendendo tudo o que podem e têm direito.

É importante o professor se colocar na condição de sujeito comprometido com a alteração da lógica social. A avaliação parece ser compreendida somente como prática social que tem um papel importante na perpetuação de um modelo de sociedade excludente, e é neste sentido que os professores precisam entendê-la. Destacamos algumas perguntas fundamentais ao avaliarmos para que possamos garantir o processo ensino e aprendizagem: a) queremos perpetuar ou transformar? ; b) punir ou incentivar? ; c) promover ou levar ao fracasso?

Para muitos educadores, antes valia o ensinar. Há algum tempo, a ênfase se concentra no ato de aprender. Isso significa uma mudança em quase todos os níveis educacionais: currículo, organização da sala de aula, relação professor-aluno, planejamento, tipos de atividades e, principalmente, a avaliação.

Conforme afirma Hoffmann (2004), “a avaliação, hoje, só faz sentido se tiver o intuito de buscar caminhos para a melhor aprendizagem”.

Diante dessa complexidade, por onde poderíamos começar um processo de mudança? Há dois aspectos básicos: um deles é a questão de proposta de mudança na qual devemos ter um horizonte; e, do outro lado, a visão global de processo.

Assim destacamos Vasconcelos (2001):

Muitas vezes, as propostas ficam muito em cima só de um aspecto. (...) só que não adianta querer mudar a forma de expressar, se não muda a intencionalidade. Do ponto de vista do processo, muitas vezes há a ideia de querer mudar tudo de uma vez só, às vezes as pessoas não têm essa paciência histórica de seguir os passos do processo. É preciso perceber que tem que mudar a postura, não adianta só mudar a forma. Tem que mudar a concepção e a prática. Não adianta mudar a concepção sem mudar a prática e vice-versa.

Não adianta ter uma prática nova com uma concepção antiga, porque deturpa a prática (VASCONCELOS, 2001, p. 89).

Desta forma, a avaliação deve estar a serviço de uma pedagogia dinâmica, que tem como meta o desenvolvimento pleno do aluno, pedagogia essa que está fundamentada no que o aluno avançou em termos de aprendizagem e naquilo que ainda precisa avançar. Sendo assim, devemos adotar uma perspectiva de avaliação diagnóstica, formativa e não classificatória. A postura do professor, portanto, deve implicar numa interação plena, não lhe cabendo classificar os alunos em capazes e incapazes. Isto seria a adoção de um modelo de avaliação tradicional, obsoleto.

O professor precisa criar exercícios práticos adequados ao desenvolvimento e à aferição de competências e habilidades. Vale lembrar a contribuição de Perrenoud (2002), quando cita que os objetivos da educação não se limitam a transmissão de conteúdos, mas à preparação de todos para a vida na sociedade moderna, ao abordar o tema “Construindo Competências”²:

É inútil exigir esforços sobre-humanos dos professores se o sistema educativo apenas adota a linguagem das competências, sem mudar nada de fundamental. O melhor indício de uma mudança profunda é a diminuição do peso dos conteúdos disciplinares e uma avaliação formativa e certificativa, orientada claramente para as competências.

A avaliação necessita ser vista pelo professor como um instrumento que possibilite detectar em que estágio de aprendizagem se encontra o educando, dando segmento às novas aprendizagens ou voltando naquelas não aprendidas.

Baseado nos questionamentos apontados e nas questões que norteiam o trabalho do professor com seus alunos para necessariamente organizar e incluir objetivos a atingir, conteúdos a trabalhar, uma metodologia para desenvolver e um processo de avaliação de resultados, o presente estudo teve como objetivo listar e analisar os procedimentos das práticas avaliativas desenvolvidas por professores do Curso de Pedagogia, de uma Universidade na Baixada Fluminense, verificando junto aos alunos as diferentes práticas utilizadas por seus professores e como se sentem mediante aos processos de avaliação.

A partir do exposto, consideramos de suma importância a necessidade de um diagnóstico e de uma avaliação sobre como esses alunos do Curso de Pedagogia compreendem o processo

² Entrevista com Philippe Perrenoud, Université de Genève, concedida a Paola Gentile e Roberta Bencini, em 2000.

formativo sobre avaliação e qual a expectativa desses alunos que chegam ao final do curso, contemplando a sua futura profissão.

1. Fundamentação Teórica

Muitos pesquisadores estão centrados nos estudos sobre avaliação, no entanto ainda não foi possível encontrar uma solução para a problemática que ela traz durante o processo ensino e aprendizagem. As divergências são enormes, principalmente quando se estabelecem os critérios, os procedimentos, ressaltando às vezes, o bom senso e até os aspectos filosóficos por parte dos professores e alunos.

Para que a avaliação sirva à aprendizagem é essencial conhecer cada aluno e suas necessidades. Assim, o professor poderá pensar em caminhos para que todos alcancem os objetivos e a ênfase recaia no ato de aprender. Nessa visão, afirma Pellegrini (2003): “o professor deixa de ser aquele que passa as informações, para virar quem, numa parceria com os alunos, prepara todos para que elaborem seu conhecimento”.

Complementando a citação acima, Werneck (1999) aponta que “nossos alunos aprendem menos porque os assuntos são a cada dia mais desinteressantes, mas desligados da realidade dos fatos e os objetivos mais distantes da realidade da vida dos alunos”.

Por ensinarmos e colocarmos os alunos debruçados sobre inúmeras inutilidades, não há tempo para aprofundamento qualitativo, muito mais importante para o amadurecimento do indivíduo e muito mais promotor do equilíbrio do jovem na caminhada para a vida adulta.

O que necessitamos de imediato é uma educação voltada para as reais necessidades de conhecimento básico e de uma formação do pensamento, priorizando, assim, o conteúdo, que constitui a base de todo trabalho com os alunos nas instituições escolares e que envolve “conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida” (LIBÂNEO, 1994, p.128).

Os conteúdos permeiam todo o trabalho de ensino, podendo influir de diferentes maneiras sobre a formação do aluno, segundo a intencionalidade e a organização do professor, exigindo uma forma diferente de ensinar e avaliar. Os instrumentos de avaliação devem contemplar as diferentes características dos alunos.

A avaliação vai além de provas, de trabalhos e outras atividades formais. E a análise do professor se completa na observação multidimensional e na autoavaliação do aluno, que é mais um instrumento para melhorar o trabalho docente. Esse processo deverá ser natural e democrático dando condições de autonomia aos alunos, sem receio de ser punido e nem de exclusão.

Conforme expressa Hadji (2001, p. 45), “a avaliação é uma leitura orientada por uma grade que expressa um sistema de expectativas julgadas legítimas, que constitui o referente da avaliação” e esse referente nada mais é que “um conjunto de critérios especificando um sistema de expectativas”. Em outras palavras, “cada critério define o que se julga poder esperar legitimamente do objeto avaliado” e a leitura desse objeto se faz através dos critérios.

Visando à melhoria do processo de aprendizagem, o educador deve compartilhar os objetivos do trabalho com a turma. Os alunos deverão ser capazes de se autoavaliarem e de analisarem os próprios progressos. O educador observa o aluno sob vários aspectos e os alunos sentem-se incluídos no grupo, participando mais das aulas, sendo a avaliação processual, contínua e sistematizada.

Nesse sentido, encontramos em autores que tratam da avaliação, como Godoy (1995), Abreu e Masetto (1986), Libâneo (1994), Luckesi (1986), Lüdke e Porto-Salles (1997) e Perrenoud (1993), apoio para compreendermos a importância dos aspectos positivos realçados pelos alunos nas práticas positivas de avaliação, assim como para a reflexão sobre as consequências das práticas negativas apontadas por eles, como desvios de uma postura realmente formadora dos professores do Curso de Pedagogia.

2. Metodologia

O presente estudo levantou alguns dados sobre o trabalho didático-pedagógico, envolvendo principalmente a prática da avaliação na relação professor-aluno.

Para tanto, reforça-se esta proposta dentro do que ressalta Demo (1996, p. 24):

(...) Assim, a avaliação qualitativa não é uma iniciativa externa, de fora para dentro. Só é factível em profundidade, como forma de autoexpressão. Mais importante que nosso diagnóstico, é o auto-diagnóstico da comunidade... Ademais, a qualidade de não se capta observando-a, mas vivenciando-a³ Passa necessariamente pela prática, pois sua lógica é a da sabedoria, mais do que a da ciência, que se permite analisar, estudar, observar.

Inicialmente, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre Avaliação da Aprendizagem, com vistas a construir a fundamentação teórica necessária à análise das práticas avaliativas desenvolvidas pelos professores de uma Universidade da Baixada Fluminense que atuam no curso de Pedagogia, verificando junto aos alunos as diferentes práticas utilizadas por seus professores e como se sentem mediante aos processos de avaliação.

Considerando o que pode ser entendido como critérios na avaliação e os indicadores que serão levados em conta para julgar se os objetivos foram ou não atingidos, cada professor pode ter os seus. O importante é que os tenha e que os esclareça a seus alunos, servindo de orientação à conduta de ambos para o desenvolvimento do processo de ensinar e avaliar.

Diante da complexidade das práticas avaliativas, identificamos a necessidade de um diagnóstico e de uma avaliação sobre como esses alunos compreendem o processo formativo da avaliação e qual a expectativa desses alunos que chegam ao final do curso.

Em seguida, aplicamos um questionário composto de perguntas abertas e fechadas aos alunos que hoje estão no primeiro e no último período do Curso de Pedagogia. Dentre eles, contabilizamos 18 alunos no primeiro ano e 34 alunos no último. Quanto ao sexo, identificamos, somente, dois alunos do sexo masculino em cada período.

Analisamos as perguntas de 1 a 5 que propõem tópicos a serem contemplados sobre a utilização dos instrumentos de avaliação e expectativas que antecedem os momentos de avaliação. Da análise de conteúdo empreendida, verificou-se que 88% dos alunos concluintes e 95% dos ingressantes afirmam que seus professores empregam a avaliação a serviço da aprendizagem; quanto à utilização da avaliação, 58% dos concluintes e 63% ingressantes apontam que seus professores consideram um instrumento de controle. Quanto à expectativa do processo avaliativo, encontramos em média 64% dos alunos emocionalmente nervosos em momentos avaliativos.

Um aspecto bastante importante encontrado nas respostas dos alunos e classificado por nós como essencialmente pedagógico é a avaliação está a serviço da aprendizagem. Mas, atribuímos como aspecto negativo relacionado às formas de avaliar como instrumento de controle e como consequências inevitáveis ao nervosismo nos momentos de avaliação.

Inegavelmente, todas as formas de ensinar podem ser utilizadas como formas de avaliar. Cabe ao professor eleger as situações mais reveladoras do processo de aprendizagem que intencionalmente buscam para seus alunos.

Tendo em vista que, embora algumas formas de avaliação permaneçam muito semelhantes as praticadas ao longo do tempo, o professor precisa criar práticas adequadas ao desenvolvimento de seus alunos. Sugerimos a continuidade deste estudo para conhecermos de que modo os alunos do Curso de Pedagogia, futuros professores, identificam a necessidade da avaliação.

Conclusão

O professor deve preocupar-se com a sua prática educacional pautada na transformação. As práticas avaliativas devem ser conscientes e claras para que os resultados sejam a favor da competência de todos.

Considerando que avaliar é um canal que conduz a uma nova mentalidade, em que o professor deve ter condições de acompanhar o desenvolvimento do processo avaliativo. Apontamos que um dos caminhos é a reorganização dos instrumentos de avaliação e que a prática pedagógica deva configurar o perfil do conhecimento.

O professor, através da avaliação diagnóstica, registra o percurso do caminho, sendo o controle de qualidade feito através da convivência, vivência, atividades propostas e outros, chegando a um *feedback*.

Podemos afirmar que a atual prática da avaliação caracteriza-se como uma forma de uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo. Como afirma Luckesi (1978), “avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão” (LUCKESI, 1978).

Sendo a avaliação da aprendizagem meio e não fim em si mesma, estando assim delimitadas pela teoria e pela prática, deve-se assumir o verdadeiro papel de instrumento dialético, de diagnóstico para crescimento, tendo que se situar e estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com a conservação.

A avaliação precisa de instrumentos, mas o que deve mudar não são os instrumentos, e sim a postura de como avaliar, passando a ser uma postura humanitária e construtiva, contemplando o processo de ensino e aprendizagem.

Referências bibliográficas:

ABREU, Maria C. de; MASETTO, Marcos T. *O professor universitário em aula*. 5 ed. São Paulo: MG ED Associados, 1986.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/leis/L9394.htm>> Acesso em 13 de fevereiro de 2008.

DEMO, Pedro. *Avaliação qualitativa*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

GODOY, Arilda S. Avaliação da aprendizagem no Ensino Superior: estado da arte. *Didática*, São Paulo, v.30, p. 9-25, 1995.

HADJI, Charles. *Avaliação desmistificadas*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. 22 ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

LIBÂNEO, José C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano C. *Avaliação através da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 1998.

----- . Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo. Brasília, DF, *AEC*, ano 15, n. 60, abr/jul, 1986, p. 23-37.

LÜDKE, Menga; PORTO-SALLES, Mercedes M.Q. Avaliação da aprendizagem na educação superior. In: LEITE, Denise B. C; MOROSINI, M. *Universidade futurante*. Campinas, SP: Papyrus, 1997, p. 169-200.

PELLEGRINI, Denise. Avaliar para ensinar melhor. *Nova Escola*, São Paulo, ano XVIII, n. 159, p. 26-33, jan/fev de 2003.

PERRENOUD, Philippe. Não mexam na minha avaliação! Para uma abordagem sistêmica da mudança pedagógica. In: ESTRELA, Albano e NÓVOA, Antonio (Orgs.) *Avaliações em educação: novas perspectivas*. Porto: Porto Editora, 1993.

----- . A arte de construir competências. *Nova Escola*, São Paulo, set. 2000. p. 19-31.

SILVA, Janssen Felipe da. Avaliar...o quê? quem? como? quando? *Nova Escola*, São Paulo, ano XIX, n. 187, p. 23-25, ago, 2001.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. Mudar a avaliação: sem essa de exclusão! *Mundo jovem*, Ano XXXIV, n. 318, p. 12-13, jul. 2001.

WERNECK, Hamilton. *Ensinamos demais, aprendemos de menos*. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

Pedagogy students and their expectations on their teacher's procedures for evaluation

Leandro Jorge Duclos
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Edith Maria Marques Magalhães
Universidade Iguazu

Abstract: This study aims to list and analyze assessment practices developed by teachers of the Pedagogy Course, checking with their students the different practices used and how they are realized during the evaluation process and how these students react to these processes. This research points out the necessity of a diagnosis and of verification about the comprehension of these students regarding the evaluation processes. It also questions their expectations at the end of the course. The research will point out solutions based on the results found and also on the complex evaluation practices studied.

Key words: Pedagogy. Students. Evaluation practices.